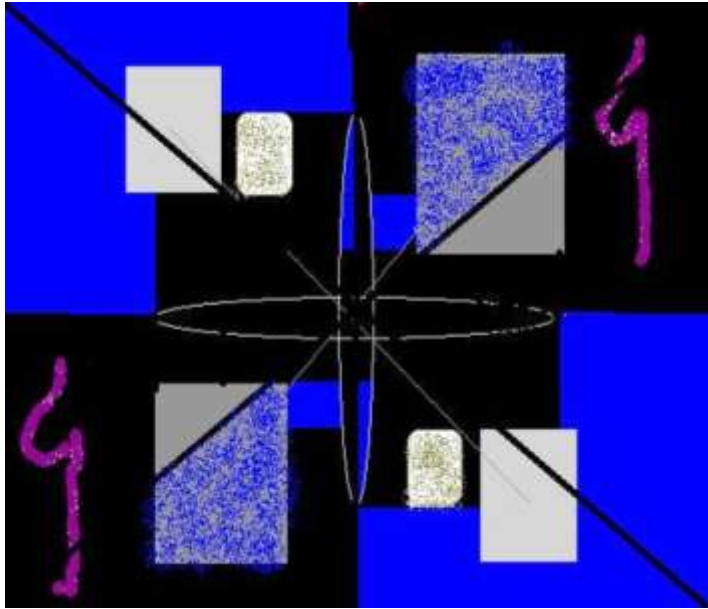


CALEIDOSCÓPIO



Rogério Sansevero

CALEIDOSCÓPIO

SUMÁRIO

03

Capítulo I – Insight

27

Capítulo II – Luzes.

46

Capítulo III – A colônia

53

Capítulo IV – O despertar

CALEIDOSCÓPIO

Capítulo I – Insight

Acordei e permanecendo de olhos fechados, entregava-me a prazerosa sensação de bem-estar que se apoderava de mim, trazendo consigo recordações de minha infância, meus pais, meus irmãos, da casa em que nascera, dos meus pais, irmãos, avós, tios...

Lembranças afloravam em detalhes precisos das minhas travessuras de criança e claramente me via subindo nas grandes goiabeiras e mangueiras que me tentavam a saborear as frutas tenras dos mais altos galhos, desafiando a perícia e a coragem, com desprezo à prudência recomendada pelos mais velhos. A pipa no céu se convertia em dias inteiros de entretenimento, ao sabor do vento, obediente ao comando das mãos, cabeceando para a direita ou para a esquerda, alçando às alturas conforme o volume de linha liberado. Futebol no campinho próximo de casa, que me rendia muita canela roxa, e de bolinhas de gude com os amiguinhos de sempre e das mesmas horas. Os dias intermináveis de sol e as semanas de chuva que não dava trégua, determinando a liberdade das ruas ou o confinamento em casa. O café da manhã, o almoço, o jantar, o café da tarde e o da noite, refeições feitas em família, eram momentos do constante ritual de mostrar as mãos limpas e de procurar me comportar educadamente à mesa, atento às recomendações da mãe e sob seu olhar vigilante. Os quartos de dormir da casa, a sala de visitas, a sala de jantar, a cozinha, os banheiros, a dispensa, o corredor e o quintal, minha fantasia infantil transformava em esconderijos, reduto dos adversários e meu quartel-general nas brincadeiras com meu irmão e vizinhos em dias de chuva e frio.

CALEIDOSCÓPIO

O imenso quintal onde passava boa parte do tempo na exploração do grande barracão cheio de tábuas, tijolos e outros materiais, sobras de construção.

O tempo escorria lento além da minha meninice, flanando por minha juventude, e eu desejava que aquela manhã perdurasse. E agora desfilavam em minha mente professoras primárias, meus colegas de classe, a caneta tinteiro que insistia em abrir a pena a mais leve pressão de minha mão, o inútil mata-borrão, a borracha manchando e rasgando a folha branquinha do caderno, o apontador reduzindo o lápis a um toco rapidamente, o estojo em que desapareciam misteriosamente os lápis de cor, o uniforme escolar, as provas e as tarefas de casa, as brincadeiras no recreio e as brigas na rua. O boletim escolar, motivo de orgulho e prêmio ou de apreensão e castigo no dia em que o levava para casa para a assinatura da mãe ou do pai.

Em algumas noites, meu avô, Seu Teófilo, atraía para sua casa a garotada e incendiava nossa imaginação com histórias intrigantes e repletas de fantasia, entre as quais aquelas de assombração, nossas preferidas, cuja lembrança me fazia cobrir o rosto com o lençol da cama nas noites escuras de chuva e relâmpagos que projetavam sombras ameaçadoras nas paredes do quarto de dormir. Entre outras de terror, a do impiedoso e inflexível homem de ferro que raptava criancinhas e as prendia para sempre em sua escura e profunda caverna na montanha me fez acordar em sobressalto por muitas noites. O pesadelo, muito real, era sempre o mesmo: uma caverna de dimensões gigantescas atraía minha curiosidade para o seu interior e era aí que surgia das sombras o homem de ferro com seu raio paralisante, se deslocando em minha direção para aprisionar-me.

CALEIDOSCÓPIO

Um pouco mais e os tempos do ginásio rasgavam o véu da adolescência despertando meu primeiro amor em um sentimento tão forte que até hoje não compreendo como ela mirava olhos cor do céu de abril em mim com seus lindos olhos castanhos escuros.

Não sei mensurar a angústia que esse amor me causava. Apenas sei da inocência me aconselhando a rezar horas e horas de orações — aprendidas na igreja — para conseguir a graça de ser seu namorado, esquecendo-me por completo de que me sentia frente a um pelotão de fuzilamento à simples visão dela. Inapelavelmente condenado! O menino que não temia brigar com outros até mesmo muito mais fortes que ele, diante daquela menina tão delicada, tão frágil, com o coração pulando mais que boi brabo em rodeio, não conseguia sequer articular algumas palavras, era dominado por uma vontade incontida de fugir. Hoje, compreendo o que se passava: seus inimigos, seus rivais podiam ferir seu corpo nas pelejas, porém sua paixão podia marcá-lo na alma, onde a dor não é aliviada pelo mercúrio cromo despejado pela mãe nas feridas e arranhões, geralmente nos cotovelos e joelhos, consolando invariavelmente com a mesma justificativa de que “o que arde cura”.

Vagando em lembranças, pressenti surpreso o alvorecer anunciado pelo trinado de pássaros, uma vez que eu residia em área urbana de grande movimento e deserta de verde e vida selvagem.

Abri os olhos na penumbra de um modesto ambiente com poucos móveis, bem organizado e muito limpo. Ocorreu-me estar em um hospital naquele inusitado despertar.

CALEIDOSCÓPIO

Indo à janela, entrevi frondoso e preguiçoso bosque dando adeus vagorosamente à noite que o embalara.

Pássaros saudavam o novo dia e, vez ou outra, riscavam o céu no vôo alucinante que normalmente realizam nessas horas.

Flores campestres de cores exageradas, em árvores e arbustos, se exibiam através da branca neblina, quebrando a monotonia do exuberante verde.

Os pincéis da criação deslizavam sobre a natureza produzindo inigualável obra prima para todos os gostos, em cores e formas que poderia chamar de transitórias, pois se modificavam à incidência e intensidade da luz.

Suave aragem da manhã saturada de orvalho depositava em meu rosto geladas gotículas e o aprazível clima se assemelhava ao das montanhas, e eu me perguntava que lugar era aquele afinal e por qual motivo ali estava.

Do sol, distante, qual ponto luminoso no horizonte, jorrava suave luz sobre o contorno das montanhas e as poucas nuvens no céu, criando um efeito de conto de fada.

Invadia-me agradável sensação de segurança e paz, em sucessivas ondas de bem-estar, reverberando por todo meu corpo, sequer a leve dor de cabeça e sensibilidade à luz — sintomas de provável problema de visão — desconforto com o qual adormecera sem mais providências, por julgar desnecessário. Simplesmente programaria no dia seguinte uma consulta ao oftalmologista para livrar-me de incômodos futuros. A despeito de estar hospitalizado e não ter informações sobre o que me levava até lá, sentia-me bem e pensava em minha agenda de trabalho daquele dia a fim de identificar que horário disponível teria.

CALEIDOSCÓPIO

Toques suaves vibravam e a porta do quarto franqueou a entrada de dois sorridentes jovens. Saudando-me com efusivo “bom dia”, o homem e a mulher vestidos com indumentárias impecavelmente brancas desfaziam qualquer dúvida a respeito daquele lugar.

— José, sou o Dr. Mauro — estendendo-me a mão, apresentava-se o jovem, com voz firme e aspecto confiável, secundado pela enfermeira de nome Jane.

— Estamos muito felizes com sua recuperação, no entanto recomendo que repouse embora demonstre um quadro otimista, pois ainda requer cuidados devido ao longo tempo em que permaneceu em estado de coma, e qualquer esforço pode lhe trazer algum mal-estar — aconselhava o jovem doutor.

A despeito de sentir-me bem, obedeci à recomendação, mas não sem lhe indagar antes o que ocorrera comigo.

— Você teve um aneurisma cerebral, José, e agora se encontra em convalescença. Nossa equipe se dedicou ao seu restabelecimento, monitorando e cuidando de seu quadro de saúde, diuturnamente. Podemos constatar que está praticamente curado — Dr. Mauro asseverava. — Agora, repouso e paciência, sem outras preocupações.

Diligentemente, Jane acionou uma alavanca ao lado da cama, conferindo inclinação mais confortável às minhas costas. Em seguida ajustou os travesseiros sob minha cabeça, deu-me de beber do líquido de um copo e, pousando delicadamente a destra em minha frente, pediu que descansasse.

Esvaacia-me a consciência em uma nuvem de algodão e mais uns instantes retornava ao mundo dos sonhos...

CALEIDOSCÓPIO

Despertei, sem atinar por quanto tempo permaneci dormindo, e o silêncio apenas era interrompido ao longe pelo pio de uma coruja e o cricrilar de grilos.

Pacientemente, aguardava que alguém se dirigisse ao meu quarto, e lembrava os fatos mais recentes, ressentido apenas com a inexplicável ausência de meus familiares e amigos e minha noiva Juliana, certamente se rejubilando com meu retorno à vida.

Levantei-me e ao dirigir-me ao banheiro conjugado ao quarto, a segurança com que caminhava confirmava minha boa forma. No espelho examinei minuciosamente meu rosto à procura de sinais que pudessem indicar quanto tempo se passara desde minha chegada àquele hospital e a imagem refletida, nítida pela luminária acesa do armário, era a última de que me recordava, levando-me à conclusão de uma recente internação.

Conformava-me com a falta de informações e a interrupção de minha rotina, pois pressentia que logo voltaria à normalidade, com muitos trabalhos por dar continuidade.

Mais uma vez fui à janela do quarto e a noite espelhou na retina de meus olhos um adormecido bosque iluminado por miríades de estrelas e majestosa lua, e nuvens de pirilampos a rivalizar as estrelas do firmamento. Aquele era um lugar encantador, poderia até considerá-lo um sonho do qual não gostaria de acordar, de tão incomum e arrebatador.

Uma profunda paz pairava no ar, doce como o inocente olhar de uma criança e suave como a brisa noturna que empresta delicados movimentos à vegetação.

CALEIDOSCÓPIO

Naquele instante compreendia a grandeza e a beleza da natureza, dos requintes em mínimos detalhes às dimensões inescrutáveis.

Talvez sonhasse e logo mais despertaria ou estaria realmente no mundo real, tendo erradicado de meu cérebro algum mecanismo que no passado fizera predominar toda espécie de sentimentos, sensações e pensamentos desagradáveis ou lastimáveis. Também não descartava a hipótese da contribuição de alguma nova e miraculosa droga medicinal adicionada ao meu tratamento.

Da sacada de onde me debruçava, o frio da noite me causava calafrios, aconselhando-me a me proteger com uma blusa de lã, roupas e calçados acomodados em um pequeno armário encostado na parede.

A esmaecida luz no teto do quarto fazia visível uma campainha ao lado do leito. Acionei-a com a intenção de alertar quem a ouvisse de que eu acordara. Afinal um paciente requer atenção.

Os minutos se escoavam lentamente, enquanto permaneci da janela a contemplar a magnífica noite e instantes depois, como não respondessem ao meu chamado, abandonei o quarto, decidido a realizar uma incursão exploratória no hospital.

Ao sair do quarto, abriu-se para mim, longo e largo corredor guarnecido por lustres de bronze no teto, distribuídos estrategicamente e equipados por lâmpadas que projetavam fraca e difusa luminescência.

A penumbra e o silêncio conferiam sensação de acolhimento e paz.

CALEIDOSCÓPIO

Nenhuma viva alma se fazia notar, e as portas laqueadas dos quartos, ao longo do corredor, trancadas por sólidas e resistentes fechaduras, não permitiam ver os prováveis pacientes em seus leitos.

O teto, muito alto, ornamentado por elementos artesanais de gesso, as paredes, em tom pastel, por frisos em tons azuis e brancos, os majestosos lustres e o piso de mármore, de aristocrático bom gosto, em estilo clássico, emprestavam o aspecto de uma construção antiga, talvez do século XVIII ou XIX.

Tudo se apresentava muito bem conservado, diria até tratar-se de trabalho de restauração muito bem feito e recente.

Caminhava com uma sensação de leveza — como se levitasse — respirando o ar leve e discretamente perfumado por suave e agradável essência, enquanto observava com significativo prazer e curiosidade cada detalhe decorativo e estrutural.

Embora não fosse especialista em arquitetura de séculos passados, deduzia que se tratava de um palácio — agora adaptado para uma instituição de saúde — pela imponência e beleza que se faziam notar.

Repentinamente, uma voz chamou minha atenção, o que me fez voltar sobre os passos e avistar Dr. Mauro.

O diligente médico justificava a demora alegando que, embora prontamente atendesse meu chamado, naquele hospital as distâncias sempre eram consideráveis; e me repreendia a impaciência que demonstrara, saindo a esmo, propenso a perder-me pelos inúmeros corredores daquele edifício.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

